

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
DA TURMA DA MÔNICA JOVEM, DE MAURÍCIO DE SOUSA,
COMO ESTÍMULO NA LEITURA
E PRODUÇÃO TEXTUAL ORAL/ESCRITO
PARA ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Leticia Mangelot Gomes da Silva Baccin (UEMS)

leticia.g.leia@gmail.com

Marly Custódio da Silva (UEMS)

mcsilva05@hotmail.com

RESUMO

Nos dias atuais é possível perceber a presença constante das histórias em quadrinhos nos livros didáticos que são utilizadas em sala de aula como uma forma inovadora e cativante de leitura atrativa e descontraída que cativa cada vez mais os educandos. Faremos um breve parecer quanto ao surgimento das histórias em quadrinhos nos Estados Unidos até chegar ao Brasil. Partimos do princípio de que, além dos quadrinhos desenvolver o gosto pela leitura prazerosa é uma excelente ferramenta que estimula o aluno na produção textual. Nosso artigo terá como aporte teórico Paulo Ramos (2012), que nos conduzirá aos caminhos de como os quadrinhos têm se fixado nas salas de aulas. Utilizaremos como análise a revista em quadrinhos da *Turma da Mônica Jovem* – edições nº 02, 05 e 11, para verificação da frequência de utilização de gírias em situações de produção de texto, tanto escrito quanto oral, dos alunos do 9º ano. Também teremos como base Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos (2015), que nos proporcionará a maneira de se utilizar as histórias em quadrinhos em sala de aula, pois sabe-se que o código linguístico a qual possuímos desde o nosso nascimento, difere ao longo do tempo devido às circunstâncias que nos cerca. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar como esse código linguístico, seletivo e único, denominado “gírias” é presente na fala dos alunos. Como embasamento teórico-linguístico utilizaremos Fernando Tarallo (1997), para abordar a variação linguística, dentro do contexto das histórias em quadrinhos, como instrumento primordial para tal desempenho crítico. Entendemos dessa forma, que o surgimento desse código linguístico singular caracterizado por um determinado grupo, carrega uma bagagem de informações.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Variação linguística. Gíria

1. Introdução

Podemos observar que as histórias em quadrinhos, vêm conquistando cada vez mais espaço no meio escolar, não somente nos livros didáticos, como também aplicados em prova de qualificação como o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e em concursos públicos.

Diante da conquista da considerada 9ª arte, temos como objetivo

descrever e considerar a influência do aluno, tanto na oralidade quanto na escrita e, na importância e no domínio que o educando possui frente as mais variadas formas de textos. Para essa consideração selecionamos as revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica Jovem*, edições nº 02,05 e 11 para fazermos um paralelo com a produção de texto, principalmente a produção oral, dos alunos do 9º ano do ensino fundamental. A assídua cobrança quanto ao desenvolvimento textual oral/escrito dos alunos do ensino fundamental tem se evidenciado ultimamente, dessa forma, dentre os muitos estudos relacionados ao gênero textual, abordaremos no presente trabalho o gênero textual histórias em quadrinhos, com a variação linguística “*Gírias*”. Partindo da premissa de que os quadrinhos, além de proporcionar um prazeroso gosto pela leitura acaba sendo como uma excelente fonte de estímulo no desenvolvimento da produção textual desses alunos. Lembrando que na produção de texto escrito, os alunos desse ano escolar (9º ano), procuram chegar o mais próximo possível da forma padrão da língua portuguesa.

2. As histórias em quadrinhos, do Mundo ao Brasil.

Uma forma inovadora de comunicação em massa surgia no final do século XIX nos Estados Unidos em simultaneidade com a evolução industrial. As histórias em quadrinhos com sua forma inédita e diversificada foram tomando conta das páginas dos impressos jornalísticos da época. Assim, Marly Custódio Silva (2015), afirma:

As histórias em quadrinhos surgiram nos Estados Unidos, no final do século XIX, como uma forma inovadora e inédita de comunicação em massa e devido à evolução da indústria tipográfica e o surgimento de grandes ramos jornalísticos. Os Estados Unidos foram o local apropriado para o desenvolvimento desse gênero textual, devido todas às vantagens que aquele país disponibilizara [...]. (SILVA, 2015, p. 16)

É possível perceber que, com o avanço na produção das histórias em quadrinhos, estas foram obtendo mais espaços dentro dos jornais dominicais por apresentar uma temática diversificada e autêntica aos leitores de todo o mundo e contribuindo com a disseminação de uma visão norte-americana diferenciada em conjunto com o cinema, onde proporcionaria a criação de valores e cultura dentro daquele país.

Despontando inicialmente nas páginas dominicais dos jornais norte-americanos, [...] Essas histórias disseminaram a visão de mundo [...], colaborando, juntamente com o cinema, para a globalização dos valores e cultura daquele país. (BARBOSA, 2005, p. 10).

Dentre os precursores do gênero, temos o suíço Rudolf Töpffer, o alemão Wilhelm Busch, o francês Georges Colomb e o brasileiro Ângelo Agostini. *The Yellow Kid*, do criador Richard Fenton Outcault, não foi uma das primeiras histórias em quadrinhos criadas do mundo, porém vale ressaltar que foi o índice de sucesso em vendas e *merchandise*, em toda a imprensa e no mundo. Conforme afirma Marly Custódio Silva:

Entre os precursores do gênero estão o suíço Rudolf Töpffer, o alemão Wilhelm Busch, o francês George Colomb e o brasileiro Ângelo Agostini”. [...] Segundo Cagnin, *The Yellow Kid* (1896) não é mesmo a primeira história em quadrinhos do mundo (...). O que não se pode negar é que tenha sido o primeiro sucesso em vendas e *merchandise*, na imprensa americana e no mundo. O criador de *The Yellow Kid*, Richard Fenton Outcault teve a tirinha inaugurada nos jornais sensacionalista de Nova York, passando a ser o marco da criação do mundo das histórias em quadrinhos. A primeira publicação das tirinhas de Outcault fez tanto sucesso que jornais de grande circulação em Nova York começaram a disputar a publicação das tirinhas. (SILVA, 2015, p. 16 e 17)

The Yellow Kid teve sua primeira tirinha publicada nos jornais mais populares de Nova York, obtendo um grandiosíssimo marco na criação das histórias em quadrinhos. Com tamanho sucesso na publicação das “tirinhas”, vários jornais entraram na disputa pela publicação dessas em jornais. Na sequência, abordaremos as histórias em quadrinhos no Brasil.

2.1. As histórias em quadrinhos no Brasil

O surgimento no Brasil das Histórias em quadrinhos, veio por intermédio de Ângelo Agostini, um italiano radicado no Brasil. Como um crítico monárquico e defensor abolicionista uma de suas obras, publicadas em 30 de janeiro de 1869, intituladas como: “*As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte*”, foi sua irreverente maneira de criticar os costumes e problemas urbanos, sociais e políticos da época.

No Brasil, o surgimento das histórias em quadrinhos veio com o pioneiro Ângelo Agostini, um italiano radicado no Brasil, jornalista, crítico da monarquia e defensor da abolição da escravatura, com a obra *As Aventuras do Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte*, publicada em 30 de janeiro de 1869 na *Revista Vida Fluminense*, [...]. *As Aventuras do Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte* foi a forma que Agostini encontrou de criticar, de forma irreverente, os costumes, os problemas urbanos e os costumes sociais e políticos da época. (SILVA, 2015, p. 19)

Ainda no Brasil, a intenção foi em investir na produção e apresen-

tar a história em quadrinho com temas reais e produções que abordassem eventos históricos, figuras literárias que juntas, contribuíssem para uma forma mais autêntica e independente de leitura. Conforme a LDB 9394/1996, o artigo 3º diz que, a lei de liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte, o saber “é uma das bases do ensino”. Partindo desse princípio, percebe-se que a oportunidade de estudos das histórias em quadrinhos está mais próxima do real que o imaginado. A seguir apresentaremos um breve parecer dos olhares rígidos, ou preconceitos para com as histórias em quadrinhos, o qual ocasionou significativas mudanças de produção e distribuição.

2.2. O preconceito com as histórias em quadrinhos.

Foi dentro do cenário de pós-guerra e início da guerra fria, que a desconfiança nascia em relação aos quadrinhos. O psiquiatra alemão Fredric Wertham, encontrou nesse período um espaço privilegiado onde alertava sobre os malefícios que a leitura dos quadrinhos podia proporcionar aos leitores adolescentes norte-americanos.

Não obstante, devido ao grande impacto dessas denúncias referente às histórias em quadrinhos, uma sociedade norte-americana formada por pais, professores, bibliotecários e ainda, religiosos de todas as vertentes, passaram a ver os quadrinhos como uma forma de má influência e assim cobrando uma rigorosa “vigilância” em sua produção e distribuição. Dessa maneira, editores da década de 1940, elaboraram uma proposta inicial em relação aos conteúdos das revistas em quadrinhos.

Editores norte-americanos se reuniram e criaram um código, que visava a garantia do produto aos pais e educadores de que o conteúdo das revistas não proporcionaria dano algum ao desenvolvimento tanto moral quanto intelectual dos filhos e jovens leitores.

Tendo isso em vista, tanto os Estados Unidos quanto outros países, incluindo o Brasil, os editores passaram a estabelecer legislações restritivas quanto à produção e distribuição do mesmo.

Não diferente ao Brasil, pejorativamente rejeitada dentro do ensino escolar, as histórias em quadrinhos eram vistas como uma leitura-diversão por transparecer uma leviandade em seu conteúdo, incapaz de exercer a função de estudo os alunos em sua realidade. Alegava-se, a partir disso, que as histórias em quadrinhos traziam aos alunos uma lentidão de raciocínio, e que esse procedimento afastava os alunos da “boa leitu-

ra”. Entretanto muitas coisas mudaram. Em 1980, essa visão equivocada foi desfeita, o que predominou a inserção das histórias em quadrinhos na leitura dos jovens e adultos conforme os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997, p. 41), onde ressalta que a “leitura” é um processo no qual o leitor realiza o trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto. Podemos, ainda assim, atribuir uma significativa contribuição por parte da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que, em seus parágrafos, propõe a necessidade de uma linguagem mais ampla, diversificada, onde abrangesse as mais variadas manifestações artístico-linguística para os ensinos fundamental e médio.

Essa visão – equivocada – predominou no país na segunda metade do século passado, por mais que tivessem existido experiências com o uso de história em quadrinhos em livros didáticos a partir da década de 1980. O início de uma mudança mais contundente veio com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), [...] o texto já apontava a necessidade de inserção de outras línguas e manifestações artísticas nos ensinos fundamental e médio [...] (VERGUEIRO & RAMOS, 2015, p. 10)

Com isso, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* reformularam a releitura das práticas pedagógicas nas escolas criando assim um novo modelo referencial para os professores do ensino fundamental e médio.

A proposta que os *Parâmetros Curriculares Nacionais* de língua portuguesa adotaram como forma de ensino, estava em transmitir o conteúdo por meio de gêneros. Para Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos (2015, p. 10), "gêneros são 'tipos relativamente estáveis de enunciado', usados pelas pessoas em situações interativas de comunicação".

No tópico seguinte, veremos como esse processo adotado pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* de língua portuguesa se fez presente nas salas de aula e a contribuição que o mesmo proporcionou.

2.3. Da rejeição ao uso no ensino escolar

Nesse cenário de rejeição, cartunistas como Ziraldo e, em especial Maurício de Sousa, vão ganhando cada vez mais espaço nas bancas de revistas e nas prateleiras dos brasileiros. Conquistando leitores de todas as idades com seus personagens que contribuía, e ainda contribui para o incentivo à leitura.

Outra série de quadrinhos produzidos no Brasil e que constituem ótima alternativa promissora na sala de aula, são as histórias da *Turma da*

Mônica, uma criação popular do cartunista Maurício de Sousa, que há mais de 50 anos de produção, vem conquistando pessoas de todas as idades sem deixar de lado o público escolar, pois as séries de Maurício de Sousa trazem uma extrema variedade temática que permitem uma considerável contribuição nas aulas de português, conforme afirma Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos (2015, p. 173). No próximo tópico veremos brevemente, o surgimento da continuação dos personagens de Maurício de Sousa.

3. A Turma da Mônica Jovem

A *Turma da Mônica Jovem*, criada em 2008, tem sua publicação em estilo mangá – publicado em preto e branco, sendo que o mangá, a ordem de leitura é da direita para a esquerda –, os personagens da *Turma da Mônica Jovem* são representados com pontos expressivos que chamam a atenção dos leitores, como por exemplo, os olhos grandes que transmitem emoção nas ações que realizam nas histórias.

Pensando nos leitores da *Turma da Mônica Clássica* que cresceram, Maurício de Sousa decide fazer crescer seus personagens que, por décadas encantam pessoas de todas as idades, eis que surge os personagens clássicos na juventude, porém com outra perspectiva, retratando o universo teen. O sucesso foi imediato e continua encantando leitores de diferentes idades e nacionalidades.

A *Revista* é uma série mensal que retrata os personagens da *Turma da Mônica Clássica* com traços juvenis, por exemplo, a personagem considerada mais nervosa, a Mônica, não é mais gorduchinha, a Magali come com moderação, o Cascão adquiriu o hábito ao banho e o Cebolinha agora é o Cebola e a troca do “L” pelo “R” acontece somente quando está nervoso, sem contar que possui mais cabelos que quando criança.

Produzida pelos Estúdios Maurício de Sousa Produções e publicada pela Editora Panini, a revista tem aproximadamente, uma tiragem de 400.000 mil exemplares.



<<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-124254>>

A série passa-se 7 anos à frente, obtendo uma concepção de futuro dos personagens. No bairro do Limoeiro, um cotidiano singular da época mescla-se com novidades, um tanto, digamos, distante da realidade.

Vale ressaltar que, como todo adolescente, os dramas e frustrações decorrentes da idade mais complicada da vida não passam despercebidos; entre responsabilidades no colégio e confusões amorosas que todo jovem acaba passando, a amizade dessa turma só tende a fortalecer cada vez mais.

Dessa forma, apresentaremos a seguir, a significativa contribuição que as histórias em quadrinhos podem proporcionar e enriquecer o ensino em sala de aula.

4. História em quadrinhos em sala de aula

Muito tem se questionado sobre o desenvolvimento na produção textual dos alunos do ensino fundamental e a necessidade quanto ao desenvolvimento na escrita e na oralidade. Há diversos estudos a respeito dos gêneros textuais, principalmente quando se trata do gênero textual “histórias em quadrinhos”. O objetivo é descrever e considerar a influência do letramento dos alunos e a importância de abranger as mais diversas situações de textos.

Os gêneros textuais como abordado por Paulo Ramos (2012), que é as histórias em quadrinhos, é autônoma e utiliza meios próprios para obter a comunicação desejada. É uma linguagem que compõem várias ramificações, porém distintos um do outro, conforme afirma Paulo Ramos (2012, p. 17) “A linguagem seria um grande ecossistema cheio de pequenos nichos (...)”. Cada qual possui sua característica própria, o que garante autonomia dos demais.

Nas histórias em quadrinhos, podemos analisar os aspectos da oralidade e os principais elementos narrativos que a compõem e a forma de análise como linguagem dos quadrinhos. A seguir abordaremos a conceituação desse gênero para melhor entendimento.

4.1. A variação de gênero

Dentro dos quadrinhos podemos identificar alguns pontos onde se requer um estudo linguístico diferente para cada qual, a diferenciação entre charge, tirinhas e caricaturas e a diferenciação das charges de cunho jornalístico para as caricaturas de humor gráfico.

Cada opção deve ser analisada e pesquisada observando as características que os cerca.

As histórias em quadrinhos compõem seu próprio ambiente, assim como a literatura, cinema e teatro, uma linguística autônoma, porém compartilhando de elementos linguísticos cada qual a sua necessidade, afirma Paulo Ramos (2012, p. 18), "o cinema, o teatro, a literatura, os quadrinhos, e tantas outras formas de linguagem comporiam ambientes próprios e autônomos. Mas todos compartilhariam elementos de outras linguagens, cada um à sua maneira".

Dessa forma, pode-se observar que a ação e interpretação que o recurso dos quadrinhos permite inferir, nada mais é que a representação das respostas próprias ao elemento narrativo.

Assim, pode-se observar também:

- O espaço está contido nas histórias em quadrinhos;
- O tempo de uma narrativa e outra podem ser observados entre um quadrinho e outro, ou ainda, a sua condensação em uma única cena.
- A fala do personagem pode ser visualizada por meio dos balões, simulando assim, o discurso direto.

Dessa maneira, para Paulo Ramos (2012, p. 18), a chamada linguagem dos quadrinhos, apresentam aspectos significativos da oralidade e reúnem principais elementos narrativos em sua formação.

Pode-se observar também o estilo de letra em sua forma tradicional, escrita linearmente, sem negrito, usualmente na cor preta, caracterís-

tica essa, frequentemente usada nas histórias em quadrinhos, cada forma que a letra toma no corpo linguístico das histórias em quadrinhos gera uma forma de expressividade que é transmitida ao leitor, conforme Paulo Ramos (2012, p. 56.): “A letra de forma tradicional – escrita de maneira linear, sem negrito, geralmente em cor preta – é a mais utilizada nos quadrinhos. [...]. Ela indica expressividade “neutra” ou grau zero, das quais outras irão derivar”.

Dessa forma, a letra passa a agregar sentidos, variando conforme o contexto da história. O tipo de letra utilizado dentro das histórias em quadrinhos pode indicar não somente variações da fala como também variação da escrita. A letra acaba por adquirir diferente expressividade dentro do contexto. Na sequência veremos a construção desses valores, já mencionado, tomando forma em conjunto com a leitura e produção textual.

4.2. As histórias em quadrinhos na leitura e produção textual oral/escrita

Conforme aborda o *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997, p. 35) a leitura tem por finalidade a formação de competentes leitores e escritores, contribuindo assim, na produção e construção de textos bem elaborados e de eficaz excelência. Em consonância com a oralidade, a leitura se faz importante, pois nos serve de matéria prima para a produção escrita.

Dessa forma, pode-se observar que a leitura é um processo no qual o leitor ativa a construção da significação do texto, partindo do seu objetivo, do seu conhecimento sobre o assunto abordado, entre outros inúmeros recursos que se pode analisar.

Tendo isso em vista, as histórias em quadrinhos disponibilizam de ricos recursos, dentre elas, a variação linguística, além de possuir uma linguagem autêntica, concisa e direta, proporcionando aos alunos do ensino fundamental o estímulo necessário e primordial para o bom desenvolvimento e formação cognitiva.

O que antes eram vistos como simples material de massa, hoje esse recurso é de extrema importância na educação, um campo fértil que deve ser bem explorado.

A estrutura das histórias em quadrinhos dinamiza a didática do

conhecimento e, se bem aproveitadas, as histórias em quadrinhos garantem ao aluno noção de gênero textual, um quantitativo desenvolvimento em sua capacidade interpretativa que será transmitida da linguagem não verbal, a imagética.

Outra análise importante das histórias em quadrinhos, está na escolha do vocabulário, um dos principais recursos que o autor utiliza para caracterizar seus personagens.

Para Fernando Tarallo (1997, p. 57), a ‘língua falada é um sistema variável de regras ela é heterogenia e sua variabilidade é passível de sistematização. Em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias [...] (TARALLO, 1997, p. 19). Dessa forma, a língua falada é um sistema variável de regras. Seja a classe social, a etnia, o sexo, a faixa etária do falante [...] cada comunidade de fala é única; cada falante é um caso individual. (TARALLO, 1997, p. 62)

Assim sendo conforme demonstrado nesse tópico, abordaremos a seguir a construção desses pontos na produção texto oral/escrito com alunos do 9º ano do ensino fundamental.

4.3. Histórias em quadrinhos e as gírias na produção de texto oral/escrito dos alunos do 9º ano do ensino fundamental

Em prática de pesquisa, e na comparação em relação às teorias mencionadas ao percurso do presente trabalho, selecionamos fragmentos da *Turma da Monica Jovem*, de Maurício de Sousa, em contrapartida com a fala observada dentro da sala de aula com os alunos do 9º ano do ensino fundamental.

Observaremos a partir disso, a variação linguística “gírias”, comumente utilizada pelos jovens como forma única e autêntica de identidade posta por um seletivo grupo. Faremos um paralelo do texto oral produzido pelos alunos com os quadrinhos da *Turma da Mônica Jovem*, edições números 02, 05 e 01 em que os personagens utilizam gírias para se comunicar.

O texto-diálogo a seguir, foi observado em sua oralidade, durante as aulas de estágio em uma escola municipal em Campo Grande (MS).

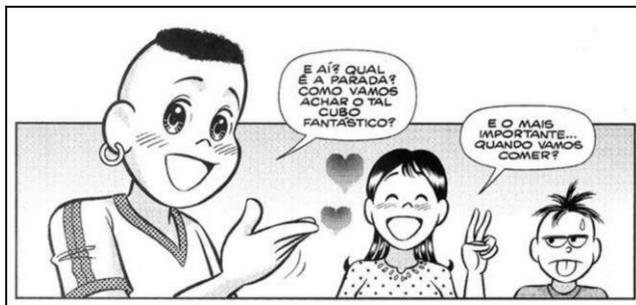
Diálogo entre amigos:

Arqueiro:

– “Vêi” na boa !?? A “parada” é a seguinte, não fui bem na prova... – Acho que levei bomba e a professora vai me dar nota baixa.

Guardião:

– *Relaxa, cê* recupera a nota na próxima prova.



Turma da Mônica Jovem, ed. 02, p. 08



Turma da Mônica Jovem, ed. 05, p. 10

Por meio da observação de produção de texto oral que os alunos do 9º ano produziram no contexto escolar, pois se trata de um diálogo entre dois alunos referente à semana de provas bimestrais, podemos observar que as gírias utilizadas pelos educandos são facilmente encontradas nos quadrinhos da *Turma da Mônica Jovem*, números 02 e 05, de 2008. Observamos nesse contexto que, a variação gíria é frequentemente utilizada pelos adolescentes nessa etapa de ensino, principalmente pelos me-

nios.

Diálogo entre amigas:

Violeta:

– Cara!!! O “Cravo” me ligou! Fiquei tão feliz!

Margarida:

– O que ele disse?

Violeta:

– Disse que está “*afinção*” de ficar comigo. – Deixa minha mãe saber disso (risos)... Ela me enforca!!! Do jeito que ela *regula* meu tempo, tudo contadinho no relógio, *tipo assim*... hora de ir para escola com horário certinho para voltar, aff!!!

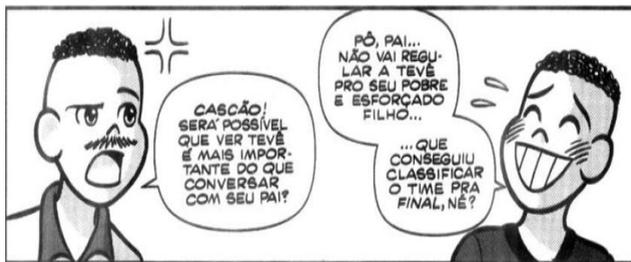
Mesmo assim, vou dar um jeito (risos). Vou colocar meu melhor *look* para encontrar com ele... (suspiros).



Turma da Mônica Jovem, ed.11, p.60



Turma da Mônica Jovem, ed. 11, p.64



Turma da Mônica Jovem, ed. 11, p.65



Turma da Mônica Jovem, ed. 11, p.62

É perceptível a utilização das gírias “afinção”, “tipo assim”, “regula” e “look” em contextos diferentes, no contexto escolar trata-se de um texto-diálogo entre duas alunas adolescentes durante a troca de professor em sala de aula e, no contexto dos quadrinhos da *Turma da Mônica*, refere-se a um jogo a um campeonato de futebol entre adolescentes e as meninas da torcida organizada.

Podemos observar que é de uso comum entre os jovens a utilização da variação linguística gíria entre os jovens do ensino fundamental. Observa-se também que, a partir de então que a utilização das gírias na oralidade se faz mais presente, sem se importar com utilização em sua forma correta e correlacionada com a norma culta. A utilização das gírias é mais utilizada e perceptível em seu uso oral. Já na produção textual escrita, essa utilização da gíria diminui, pelo fato de estarem cientes da utilização correta e adequada das normas gramaticais, dito maneira formal da língua portuguesa.

Porém, vale ressaltar que, mesmo tendo essa ciência na utilização

da norma culta na produção escrita, algumas gírias ou vício linguístico acabam por serem utilizados, como por exemplo: “Cê”, “Tipo Assim”, “Nóis”, entre outras.

Dessa forma, percebemos o quão importante se faz o uso das histórias em quadrinhos na contribuição do ensino escolar como estímulo e incentivo na produção texto oral e escrita dos alunos. Deixando os alunos bem familiarizado com as histórias em quadrinhos, uma vez que proporciona uma estreita harmonia entre a leitura e a produção textual, seja oral ou escrita.

5. Considerações finais

O contexto exposto no presente trabalho ressaltou o objetivo da língua portuguesa em desenvolver a capacidade dos jovens alunos na compreensão de textos tanto oral, como escrito, de poder utilizar com maestria as palavras, na produção de textos como também na participação social.

Observa-se a partir de então, que apresentar conteúdos linguísticos para jovens alunos não é uma tarefa tão fácil assim, muito menos em fazê-los prestar a devida atenção ao conteúdo ministrado. Dessa forma, o professor/mediador desse conhecimento vê na utilização das histórias em quadrinhos uma rica fonte de estímulo, tanto na cognição como também no prazer pela leitura desses alunos, contribuindo assim, para o seu desenvolvimento texto oral e escrito.

Podemos observar que toda essa interação nos mais variados gêneros textuais - enfocando as histórias em quadrinhos – no modo de ensinar, de transmitir o conhecimento aos educandos, trará resultados positivos tanto para o aluno quanto para a satisfação do professor-educador, sem contar que, para os alunos, é uma aprendizagem lúdica, sem o devido peso da gramática normativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Alexandre. *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Presidência da República. *Lei 9394*, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Disponí-

vel em. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394>. Acesso em: 15-03-2017.

_____. *Parâmetro curriculares nacionais*, 1997 – PCN. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/PCN>. Acesso em: 24-03-2017.

SILVA, Marly Custódio. *Chico Bento em Pavor Espaciar: uma análise sociolinguística da Graphic Novel de Gustavo Duarte*. 2015. Dissertação (de Mestrado). – UEMS, Campo Grande.

SOUSA, Maurício. *Turma da Mônica Jovem: a aventura continua*. Edição n. 02. São Paulo: Panini, 2008.

_____. *Turma da Mônica Jovem: as aventuras do dia a dia*. Edição n. 05. São Paulo: Panini, 2008.

_____. *Turma da Mônica Jovem: ser ou não ser?* Edição n. 11. São Paulo: Panini, 2009.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. 1. ed., 2ª reimpr. São Paulo: Contexto 2015.